

ENTRE O URBANO E O RURAL: UMA PAISAGEM DE INTERFACE EM CORUMBATAÍ DO SUL/PR

MASSOQUIM, Nair Glória¹; COLAVITE, Ana Paula²

RESUMO: O artigo ora aqui resumido tem como foco a análise da dinâmica da paisagem na interface urbano-rural de Corumbataí do Sul/PR, município que, desde o princípio de sua colonização, teve a organização e a estruturação do espaço urbano associadas à economia do setor agrícola. Esse território se encontra assentado num espaço geográfico com profundas restrições aos tipos de uso da terra, tanto no sítio urbano, quanto nas áreas rurais, sendo visíveis as marcas das transformações socioeconômicas e culturais na paisagem. Diante dessa realidade, o método de pesquisa foi uma abordagem analítico-teórica e empírica, com procedimentos operacionais a partir de estudos e observações de campo, obtenção de fotografias e realização de entrevistas. O que se verificou é que a paisagem da cidade de Corumbataí do Sul contempla ainda muito das características do rural, enquanto que a paisagem rural está, por sua vez, cada vez mais permeada por elementos há pouco tempo considerados exclusivamente urbanos, resultando em uma paisagem híbrida.

Palavras-chave: Paisagem. Organização espacial. Urbano-rural.

BETWEEN THE URBAN AND THE RURAL: AN INTERFACE LANDSCAPE IN CORUMBATAI DO SUL-PR

ABSTRACT. This article focuses on the analysis of the landscape dynamics in the urban-rural interface of Corumbataí do Sul municipality, which from the beginning of its colonization had the organization and structuring of urban space, associated with the agricultural sector's economy. The municipality is seated in a geographical space with deep restrictions on the types of land use, both in the urban places as in rural areas, with visible marks of socioeconomic and cultural transformations in the landscape. The method used was the theoretical analytical and empirical, with operational procedures from studies and field research, obtaining photographs and conducting interviews. The landscape of Corumbataí do Sul city, includes, also, a lot of rural characteristics, and this is permeated by elements, considered exclusively urban by a short time, resulting in a hybrid landscape.

Keywords: Landscape. Spatial organization. Urban-Rural.

¹Professora Adjunta da UNESPAR - Campus de Campo Mourão. E-mail: nmassoquim@gmail.com.

²Professora Adjunta UNESPAR - Campus de Campo Mourão. E-mail: apcolavite@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A proposta de utilizar o conceito de “paisagem” como princípio norteador na análise do espaço geográfico implica o reconhecimento das relações existentes entre os seus elementos constituintes. Ademais, a categorização e a classificação dos tipos de paisagens são realizadas com base na identificação das principais características que indicam a sua natureza.

Os qualificativos “rural” e “urbano” para uma paisagem enaltecem a essência desse recorte da realidade. Sendo originalmente distintas, essas qualidades apresentam realidades particulares e funções específicas. No presente artigo busca-se discutir a percepção de que, nas pequenas cidades, a paisagem rural e a paisagem urbana emergem imbricadas, sem o estabelecimento de limites rígidos, sendo difícil distinguir até onde vai o urbano e onde se inicia o rural, aspectos esses contraditórios se considerarmos as palavras de Bernardelli:

Ao pensar em cidade, imediatamente estabelecemos certas associações, quase que automáticas. Primeiramente vem a ideia de uma parcela concreta do espaço, passível de ser delimitada, na maior parte dos casos, que apresenta uma estruturação e uma morfologia peculiares. (BERNARDELLI, 2010, p. 33).

Esses aspectos seriam o que os autores denominam de “sítio urbano”, sítio o qual, embora seja materializado por estruturas físicas características, é produto da sociedade e que expressa suas relações contraditórias. Ademais, se deve admitir que “A concepção do urbano extrapola a própria cidade, consubstanciando-se na relação cidade-campo, tendo na divisão técnica, social e territorial do trabalho a sua base” (BERNARDELLI, 2010, p. 33).

A definição de “cidade” pode também ser estabelecida a partir das atividades às quais se dedicam os habitantes. Nesse contexto, Angulo e Domínguez (1991 apud BERNARDELLI, 2010, p. 35) apontam que “O caráter urbano amplia-se quanto maior o nível e a quantidade de atividades não agrícolas presentes, ou seja, a análise das atividades a que se dedicam os habitantes concorre para uma maior distinção do seu entorno [...]”. Partindo desse pressuposto, nas cidades cujo principal ramo de atividade constitui o agrícola, o grau de urbanidade pode ser classificado como baixo, o que leva à indagação de como essa dinâmica se expressa na paisagem.

Utilizando-se da abordagem de análise da paisagem pelo viés cultural, Almeida (2008) aponta que:

Há uma diversidade de paisagens culturais no mundo rural brasileiro. Se existem paisagens, extensões do mundo urbano-industrial, com intensa utilização de tecnologia e investimentos destinados a uma alta produção, paralelamente, ainda persistem paisagens naturais pré-técnicas. Essas paisagens são produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem e possuem significados simbólicos. Elas refletem formas de como os seres humanos interiorizam o espaço e a natureza e os integra ao seu próprio sistema cultural. (ALMEIDA, 2008, p. 47).

Nas cidades de médio e grande porte a interface urbano-rural localiza-se na área periférica, ou seja, no periurbano. Nesse caso, Locatel e Hespanhol (2009) caracterizam essas áreas como “[...] espaços de edificações descontínuas, que mesclam elementos do urbano com resíduos agrários”. O acontecimento das últimas décadas com a incorporação das tecnologias tem deixado profundas marcas na paisagem, que vem se transformando conforme os tipos de uso, seja ela urbana ou rural, como no dizer de Locatel e Hespanhol (2009), periurbano e intraurbano, ou em espaços em que há a miscigenação dos dois, impossibilitando a distinção de onde começa uma e termina a outra.

Um estudo sistemático da paisagem regional deixa à mostra as relações existentes entre o rural e o urbano, ou entre a cidade e o campo, porque esses espaços sempre estiveram muito ligados ou praticamente intrincados pelas atividades econômicas que uma pequena cidade exerce. Endlich (2010, p. 13) destaca que “[...] o debate sobre o rural e o urbano é relevante para quem estuda as pequenas cidades, pois os limites estabelecidos entre essas duas dimensões são procurados exatamente nessas localidades”, reforçando a ideia de continuidade dessa paisagem.

No presente artigo são discutidas as relações entre rural e urbano expressas na paisagem do município de Corumbataí do Sul, localizado na Mesorregião Centro-Ocidental Paranaense. A cidade se originou a partir de um povoado que, a princípio, servia para abrigo dos migrantes que ali se estabeleceram em busca das terras férteis para o cultivo do café, sendo que até hoje sua dinâmica é resultante da produção do espaço e das atividades socioeconômicas e culturais estabelecidas entre a cidade e o campo ao longo do tempo.

Os presentes levantamentos e pesquisas sobre o município de Corumbataí do Sul tiveram início a partir do reconhecimento da área de estudo entre os anos de 2009 e 2010 e, posteriormente, as saídas a campo foram mais objetivas e efetivas para a coleta de dados, entre 2011 e 2013. Na execução da presente pesquisa utilizou-se o método

analítico com base empírica e teórico-conceitual a partir de leituras de alguns autores que discutem as relações entre urbano-rural e rural-urbano, buscando correlacionar sua discussão com a análise da paisagem. Informações adicionais foram obtidas em entrevistas semiestruturadas que foram um passo importante para se entender a organização das atividades urbanas, entrevistas realizadas com alguns membros da sociedade, dentre eles, comerciantes e agricultores.

PEQUENAS CIDADES E DINÂMICA SOCIOESPACIAL ENTRE O RURAL E O URBANO NA ORGANIZAÇÃO DA PAISAGEM DE CORUMBATAÍ DO SUL

As abordagens conceituais sobre os termos “rural” e “urbano” têm permeado as discussões acadêmicas, motivadas muito mais em razão da dinâmica dos avanços tecnológicos no espaço rural e, consecutivamente, do crescimento das cidades nas últimas décadas, do que focados na discussão da dinâmica das paisagens.

Para Girardi (2008a), foi na década de 1990 que as discussões sobre a questão rural-urbano passaram a ser pauta de análise nas pesquisas acadêmicas, primeiramente na Sociologia e na Economia, depois, nos últimos anos, também na Geografia, porém apresenta distintas interpretações, exigindo novas reflexões que deem conta de explicar o intenso dinamismo e a constante mutação que ocorrem no campo agrário brasileiro. Dentre as novas problemáticas que carecem de maior reflexão, o autor menciona fatores como “[...] a intensificação da pluriatividade, o aumento das atividades não-agrícolas em áreas rurais, a mecanização crescente da atividade agropecuária, o agronegócio e os movimentos socioterritoriais no campo” (GIRARDI, 2008a, p.2).

Durante longo tempo do período histórico, o campo foi considerado como o “senhor” das cidades, e assim, no Brasil, essa realidade só foi sendo alterada paulatinamente nas últimas décadas, especialmente com o início do processo de modernização da agricultura (década de 1970), condicionando a expulsão do homem do campo para as cidades. O “rural”, que outrora fora supervalorizado, por ser o local de produção de riquezas, passou a repercutir como termo pejorativo, de atraso ao progresso e ao processo de crescimento do país, pois o urbano adquiriu *status* de local de tomada de decisões, mesmo que essas próprias decisões tivessem sido geradas ou interferissem diretamente nas atividades do campo.

Diferentemente, contudo, nos últimos anos o espaço rural passou por uma revalorização, ganhando respaldo mediante as mudanças ocorridas no campo brasileiro, mudanças especialmente pautadas no dinamismo dos meios e modos de produção, em

que tanto as técnicas quanto os recursos humanos podem ser buscados num ir (campo-cidade) e vir (cidade-campo), constituindo um espaço de continuidade. Dessa forma, Solari, diz:

[...] a concepção clássica, da dicotomia do rural e do urbano, apresentada por Sorokin, Zimmerman e Galpin, onde esses dois espaços são vistos como opostos, passa a sofrer objeções. Essas objeções partem da observação de que entre o meio rural e o urbano existiria uma gradação infinita, em outras palavras um *contínuo* (SOLARI, 1979 apud LINDNER et al., 2009).

Sobre a discussão do contínuo rural-urbano, ou *continuum* como é denominado por alguns autores, Wanderley (2001) coloca que isso se refere a uma relação que aproxima e integra esses dois polos (rural e urbano), onde a hipótese central, mesmo ressaltando as semelhanças e a continuidade, não destrói as particularidades destes, além de não representar o fim do rural conforme defendem alguns teóricos. O que o pensador esclarece é que não existe mais isolamento de uma área em relação à outra ou, nas palavras de Reis (2006, p. 3), “[...] tais espaços [urbano e rural] se relacionam e se interpenetram [...]”.

A ideia sobre o aspecto de continuidade instituído entre urbano e rural aparece na literatura no primeiro terço do século XX:

A ideia do espaço *continuum*, apresentada primeiramente por Sorokin & Zimmermann (1929), [...] sugere uma série de traços essenciais na diferenciação dos espaços urbano e rural. De acordo com esses autores, a base para o entendimento do rural está nas particularidades de sua economia. O rural abrigaria, preferencialmente, a produção agropecuária, sendo que todas as outras características observadas no campo estariam vinculadas a essa atividade econômica. Outros tipos de atividades não-agrícolas se apresentam como acessórias e não se destacam como principal meio de subsistência dos indivíduos que habitam o meio rural. (REIS, 2006, p. 4).

Ademais, as mudanças que ocorreram no meio rural brasileiro a partir da década de 1980, com uma maior diversificação econômica e a formação de espaços multifuncionais, imprimiram no campo um novo significado, não sendo mais possível classificar o espaço rural única e exclusivamente a partir de sua produção agropecuária.

Conforme Graziano da Silva (1997), o Brasil vivencia na atualidade o “Novo Rural”, realidade com base na qual

[...] está cada vez mais difícil delimitar o que é rural e o que é urbano. Mas isso que aparentemente poderia ser um tema relevante, não o é: a diferença entre o rural e o urbano é cada vez menos importante. Pode-se dizer que o rural hoje só pode ser entendido como um “continuum” do urbano do ponto de vista espacial; e do ponto de vista da organização da atividade econômica, as cidades não podem mais ser identificadas apenas com a atividade industrial, nem os campos com a agricultura e a pecuária. (GRAZIANO DA SILVA, 1997, p. 44).

Neste estudo de caso, ao enfatizarmos o contínuo urbano-rural ou rural-urbano, o que se buscou foi evidenciar que as atividades desenvolvidas no campo e a infraestrutura alocada representam muito das características do urbano. No caso do urbano, este conserva muito das características do rural, isso em decorrência de uma infraestrutura precária e de características culturais dos cidadãos. É fato que no Brasil existe ainda um número significativo de municípios criados e instituídos sem que apresentassem estrutura básica, nem contingente populacional e densidade demográfica que justificassem sua elevação à categoria de cidades. São localidades que ainda trazem consigo características de ruralidade. Ao apresentar a realidade territorial brasileira à análise, Veiga (2002, p. 55) coloca que “Aqui, toda sede de município é cidade, sejam quais forem suas características demográficas e funcionais”.

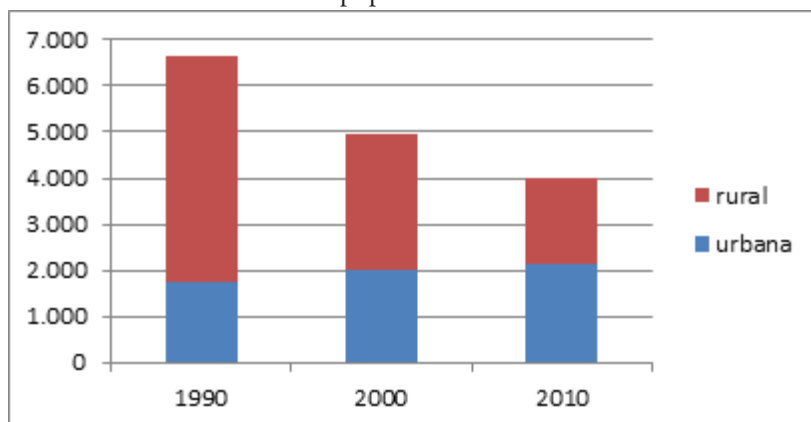
Quando questiona a rapidez com que muitos vilarejos viraram cidades sem as devidas condições, Veiga (2002, p. 63) chama a atenção para o fato de que “Foi o Decreto-Lei 311, de 1938, que transformou em cidades todas as sedes municipais existentes, independentemente de suas características estruturais e funcionais. Da noite para o dia, ínfimos povoados, ou simples vilarejos, viraram cidades [...]”. Toda essa dinâmica produziu reflexos na paisagem das pequenas cidades, contexto no qual se encontra o município de Corumbataí do Sul, objeto de análise neste artigo, o qual só foi contemplado com a categoria de cidade com base na lei vigente. Dentro dessa categoria encontra-se o município em estudo, que apresentava baixo índice de população urbana, e mesmo assim foi elevado à categoria de município autônomo.

Embora a região na qual Corumbataí do Sul se insere tenha sido ocupada entre as décadas de 1950/60, se comparado a outras regiões do Sul do país, o referido município pode ser considerado como de colonização recente, pois foi só em 1967 que o povoado de

Corumbataí do Sul tornou-se distrito do município de Barbosa Ferraz e, em maio de 1987, foi desmembrado deste e emancipado pela Lei nº 8.484, que o elevou à categoria de município autônomo, sendo que a sua instalação se deu no ano de 1989 (IBGE, 2013). O município de Corumbataí do Sul faz parte da Mesorregião Centro-Ocidental Paranaense e, na atualidade, é possível observar que a malha urbana de Corumbataí do Sul ainda é incipiente e que, dentro do perímetro urbano, é frequente a presença de áreas sem construção, conforme representado na Figura 1.

A dinâmica populacional interna pode ser observada no Quadro 1, pelo qual, segundo dados do IBGE em 1990, o município contava com 6.440 habitantes no total, sendo, desses, apenas 1.754 na área urbana e 4.886 na área rural. Nos censos seguintes (2000 e 2010), embora o município tenha aumentado sua população urbana, continuou perdendo população total. Nesse caso, portanto, a maior evasão ocorreu no setor rural. No ano de 2000, o município contava com um total de população abaixo do censo anterior, sendo de 4.946 a população total, com um leve crescimento para o urbano, 1.998 habitantes e continuando a queda na área rural, que passou de 4.886 para 2.948, sendo que o restante sofreu migração externa. Para o censo do ano de 2010, o urbano passou para 2.127 e a população rural caiu para 1.875, sendo que a total diminuiu para 4.002 habitantes. Nesse contexto, observa-se que as condições precárias na falta de infraestrutura podem ser sanadas com a melhoria das técnicas e implementação de tecnologias, contudo considera-se que a oferta de emprego da mão-de-obra sobrando do rural nos serviços urbanos é praticamente nula.

Gráfico 01 - Dinâmica populacional em Corumbataí do Sul



Fonte - Demográficos do IBGE (1990;2000;2010)

Observa-se que, desde a instalação oficial do município, Corumbataí do Sul apresentou constantes perdas populacionais para outras regiões do país. Ocorreu também o processo de migração da população da área rural para a área urbana de forma lenta, porém constante, o que resultou em um maior, embora ainda incipiente, dinamismo da área urbana.

Considerando que toda paisagem é resultante da produção histórica da sociedade sobre a natureza, no município, a dinâmica da paisagem urbano-rural desde o início da colonização teve suas características associadas à economia do setor agrícola, com o desenvolvimento socioespacial pautado nessas atividades. Entende-se que o tema campo/cidade ou cidade/campo é polêmico e contraditório em razão da diversidade de teóricos que se dedicam a essa discussão, motivo pelo qual a referida temática não é aqui desdobrada e esmiuçada, senão que apenas fica o registro sobre essa polêmica para compreender como essa questão é materializada na paisagem de Corumbataí do Sul.

A princípio a ocupação regional se deu especialmente por meio de influências propagandistas colocadas em pauta pela mídia como sendo essas as melhores terras para o cultivo agrícola (terra roxa do Paraná). Tal fato condicionou a uma leva de migrantes vindos de estados nordestinos e do Sudeste do país (mineiros e paulistas), imigrantes que, a princípio, se dedicaram ao cultivo do café. Pode-se considerar que, mesmo em menor proporção, também habitaram a região os sulistas, safristas, que se dedicaram à criação de animais (bovinocultura e suinocultura) e, para o trato desses animais e a própria sobrevivência da família, cultivavam lavoura branca.

Dois fatores podem ser apresentados como de relevante contribuição para a expansão do cultivo de café na região. Primeiramente tinha-se a expansão cafeeira vinda do norte do estado para a mesorregião Centro-Ocidental Paranaense e que, no período supracitado, ainda era considerada a principal economia de exportação e de geração de divisas para o estado do Paraná. Por outro lado, Corumbataí do Sul apresentava e ainda apresenta restrições ao uso intensivo da terra por suas condições físico-topográficas, o que faz com que não apenas a colonização tenha se dado em razão da cultura cafeeira, mas que ainda hoje esta seja uma das principais fontes de renda do município, destoando dos demais da mesorregião, nos quais o café se tornou cultivo inexpressivo.

É fato que, para atender às necessidades básicas da população que migrou para a região, a princípio se formou o pequeno povoado de Corumbataí do Sul, o qual, mesmo não se constituindo como cidade, já permitia uma divisão socioespacial do trabalho. Desde a sua origem, a cidade surgiu para atender às necessidades básicas do campo e, consecutivamente, foram se estabelecendo relações industriais, comerciais e de serviços, isto é, de atividades secundárias e terciárias, características de uma cidade, sendo que

localmente o setor industrial é incipiente, vale dizer, especialmente restrito ao ramo da agroindústria.

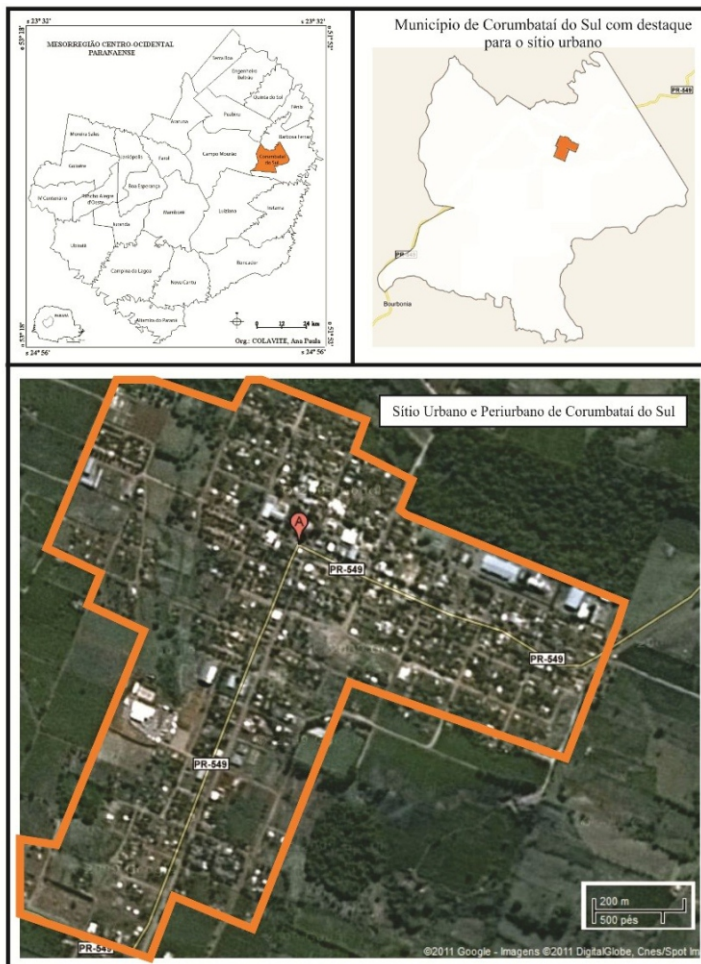


Figura 1 - Localização de Corumbataí do Sul, com destaque ao sítio urbano e periurbano.
Fonte - Adaptado de Google Earth (2013).

Conforme citado anteriormente, o desenvolvimento agrícola no município apresenta fortes restrições à mecanização, sendo o fator geomorfológico de grande importância, uma vez que apresenta relevo dissecado (Figura 2) e, consecutivamente, solos rasos (Neossolos). Nesse sentido, tem-se evidenciado, na paisagem, a preservação e a manutenção das condições naturais com exuberante cobertura vegetal composta por Floresta Estacional Semidecidual e manchas de Floresta Ombrofila Mista.

A restrição à mecanização agrícola e, conseqüentemente, à adoção dos cultivos tradicionais de soja/milho/trigo, comumente adotados na região, fizeram com que, além da cultura do café, associada ao cultivo de subsistência entre as leiras, e a pecuária extensiva para corte, fossem implantados no município o cultivo de frutíferas, em especial o de maracujá e diversas espécies de citros. Dessa forma, Massoquim (2010) expõe que a agricultura então passa a ser respeitada como um modelo de paisagem rural em desenvolvimento, o que constitui o principal meio de sustentação de muitos territórios, a exemplo desse município.

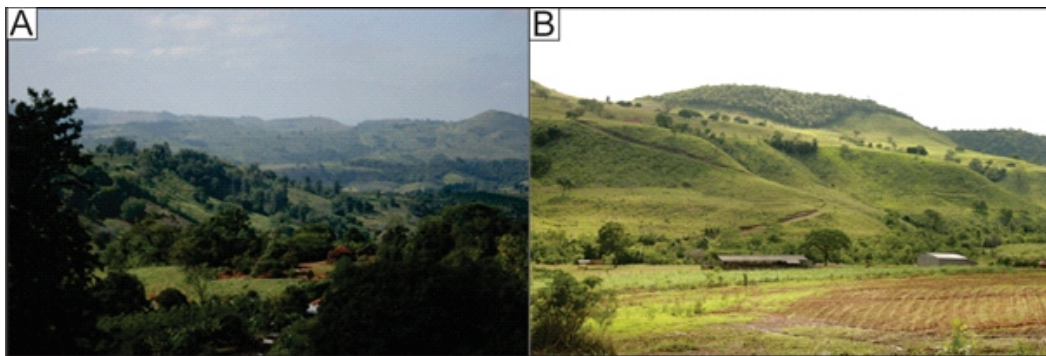


Figura 2: Paisagem diferenciada tanto na forma de relevo como no uso da terra – Corumbataí do Sul (fotografia de: Ana Paula Colavite – 2011; 2011).

Conforme se enfatizou, Corumbataí do Sul centra suas atividades em maior proporção no setor agrícola, destacando-se: a pecuária de corte e leite, com pastagens distribuídas em várias propriedades do município (Figuras 03A e 03B); a cafeicultura em algumas áreas consorciada a outras culturas (Figura 03C e 03D); e as frutíferas (Figura 03E e 03F). Ademais, a geração de renda também está associada com a comercialização de produtos agroindustrializados.

Para entender a relação urbano-rural na paisagem do município, tomou-se como critério a estreita ligação das atividades desenvolvidas pelo setor agrícola, como armazenamento e comercialização dos produtos do campo por órgãos, associações ou sedes de cooperativas instaladas na cidade. Ao contrário de alguns centros urbanos que se desenvolveram a partir da economia industrial, do turismo ou portuária, a cidade em estudo é de porte pequeno, permeada pelo rural, conforme pode ser verificado em algumas imagens (fotografadas), caracterizando-se o rural no urbano.

A influência da economia agrícola no município evidencia-se na dinâmica do uso da terra, com as atividades urbano-rurais sendo definidas conforme o investimento de capital. As instalações das sedes e dos entrepostos de cooperativas agrícolas, de laticínios e frutíferas, ou associações para a agricultura com fins de armazenamento e comercialização, são

construídas dentro do perímetro urbano e a instalação dos conjuntos habitacionais, por sua vez, vai se delineando entre os espaços ocupados com agropecuária. A paisagem se constitui, dessa forma, em um híbrido, um produto de interface urbano-rural com exemplos representados na Figura 4, em que se visualiza a instalação de um conjunto habitacional nos limites da área urbana (4A). Está expressa nessa mesma fotografia a precariedade da infraestrutura urbana e áreas de cultivo agrícola ao fundo. Na outra fotografia (Figura 4B) está representada uma propriedade agrícola instalada no fundo de vale, com dedicação à pecuária, atividade que, então, se localiza no interior da malha urbana.

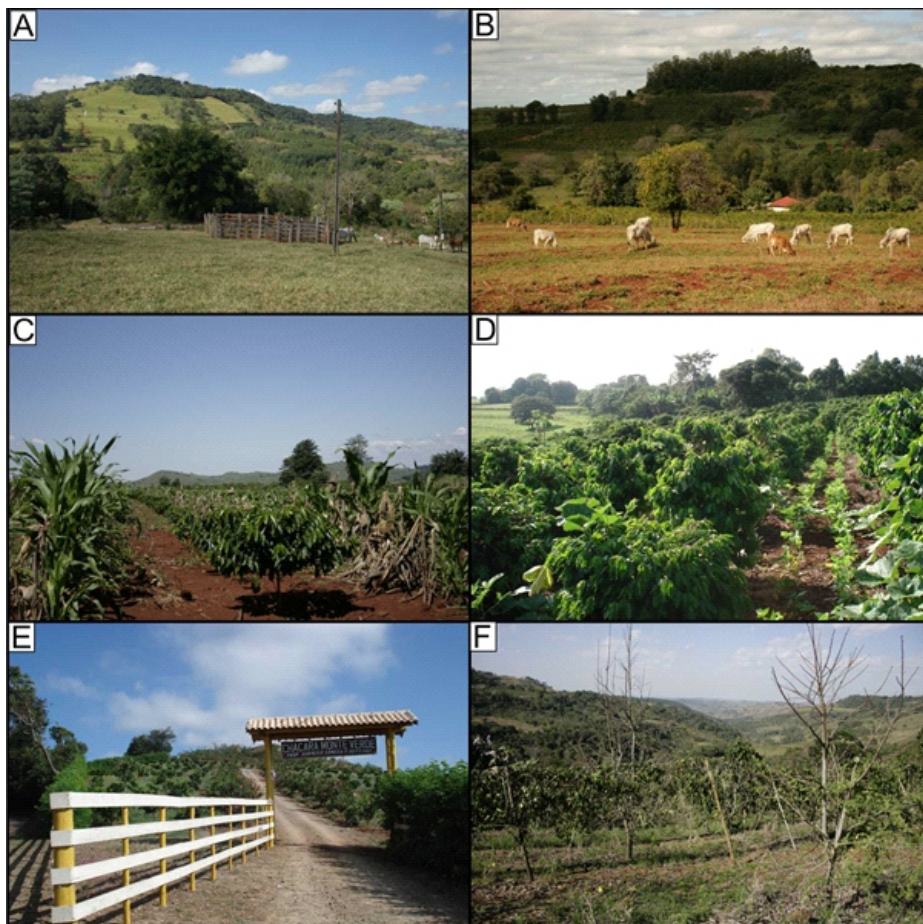


Figura 3: Atividades do setor agropecuário. A e B – Áreas de pastagens (fotografia de: Ana Paula Colavite – 2011 e 2012); C – cultivo do café consorciado com milho (fotografia de: Ana Paula Colavite – 2011); D – cultivo do café consorciado com feijão (fotografia de: Nair Glória Massoquim – 2010); E – Plantio de *citrus* – laranja e limão (fotografia de: Nair Glória Massoquim – 2011); F – Cultivo consorciado de maracujá e caqui (fotografia de: Ana Paula Colavite – 2010).



Figura 4: A – Conjunto habitacional instalado na interface urbano-rural da cidade de Corumbataí do Sul (fotografia de: Nair Glória Massoquim – 2011); B – Área de pastagem inserida na área urbana, localizada em fundo de vale (fotografia de: Ana Paula Colavite – 2011).

Na contramão desse processo, foi possível observar também, na materialização da paisagem rural, elementos que há alguns anos eram considerados estritamente urbanos, inimagináveis ou pouco comuns nas habitações do campo, a exemplo das instalações de antenas parabólicas, como mostra a Figura 05. Nos meios de comunicação, a antena parabólica foi uma inovação tecnológica que permitiu ao homem do campo o conforto e o acesso à informação nos mesmos modos dos disponíveis no urbano.



Figura 5: Destaque para a antena parabólica em propriedade rural (fotografia de: Ana Paula Colavite – 2011).

Santos (1997) referenda essa ideia quando expõe que, no atual período técnico, a compreensão do rural e do urbano não se restringe mais a uma cidade e seu campo imediato. As relações possuem uma amplitude maior e devem ser pensadas no conjunto da rede urbana. Assim, o modo de vida urbano estende-se até os limites geográficos alcançados pelos interesses, ações e conteúdos presentes nas cidades (ENDLICH, 2010).

Tanto no contexto de Garnier, quanto no de Santos, quanto ao que se refere aos

modos de vida, estes podem ser relacionados às cidades de pequeno porte onde a população ainda é muito provinciana e guarda nos hábitos e costumes suas heranças culturais. Referendando essa ideia, Corrêa (2007, p. 175) coloca que “*Cultura e urbano* são termos profundamente relacionados. A cidade, a rede urbana e o processo de urbanização constituem-se em expressões e condições culturais”.

O modo de vida da população que reside em pequenas cidades é mais evidenciado por seu comportamento, no modo de pensar, no tratamento com outras pessoas, clientes, e na linguagem, especialmente se tiveram e ainda conservam suas raízes no rural. Ao se mudarem para a cidade em busca de melhores condições de emprego, carregam consigo os costumes da vida campesina, conforme se pode averiguar na fala de J.P. (proprietário de um empreendimento hoteleiro na cidade de Corumbataí do Sul), o qual relata que seu modo de vida está impregnado como herança cultural de hábitos e costumes trazidos de suas origens.

Outras situações indicam o caminho inverso, no qual famílias que residem na cidade se mudam para o campo em busca de uma vida mais tranquila e com maior contato com a paisagem rural. Como exemplo podemos relacionar a família de Gervásio Ernega, que habita uma propriedade agrícola próxima à área urbana de Corumbataí do Sul. Essa propriedade se destaca na paisagem por sua beleza, forma e posição geográfica. Situa-se à margem da estrada PR-549, com a moradia construída no alto de um morro no qual é realizado o plantio de frutíferas (Figura 6A). Ademais, do topo do morro tem-se uma visão privilegiada da paisagem regional (Figura 6B).

Mesmo residindo na área rural, a família se dedica a atividades mistas. O pai é o responsável pela organização da paisagem agrícola (cultivo com técnica de irrigação) e gestor da produção, produtividade e comercialização do produto. Sua esposa cuida dos afazeres domésticos e o auxilia no controle da produção. A filha é taxista na cidade de Corumbataí do Sul e o filho é caminhoneiro e viaja pelas estradas do Brasil. Averiguou-se que, embora alternadamente, todos contribuem com o trabalho na pequena propriedade rural (de dois alqueires) na qual se cultivam frutíferas, sendo 1200 pés de laranja e 500 pés de limão (Figura 6C e 6D). A comercialização é realizada com os supermercados de Campo Mourão, cidade-polo da mesorregião.

Observando a realidade do campo e da cidade de Corumbataí do Sul, o que chama atenção é um aspecto ligado à discussão de Graziano da Silva sobre a nova dinâmica que se estabelece no setor rural, nova dinâmica relativa ao aparecimento e à expansão de novas funcionalidades (agrícolas e não agrícolas). No dizer do autor:

[...] ganham importância essas “novas atividades rurais” altamente intensivas e de pequena escala, propiciando novas oportunidades

para um conjunto de pequenos produtores que já não se pode chamar de agricultores ou pecuaristas; e que muitas vezes nem são produtores familiares, uma vez que a maioria dos membros da família está ocupada em outras atividades não-agrícolas e/ou urbanas. (GRAZIANO DA SILVA, 1997, p. 13).

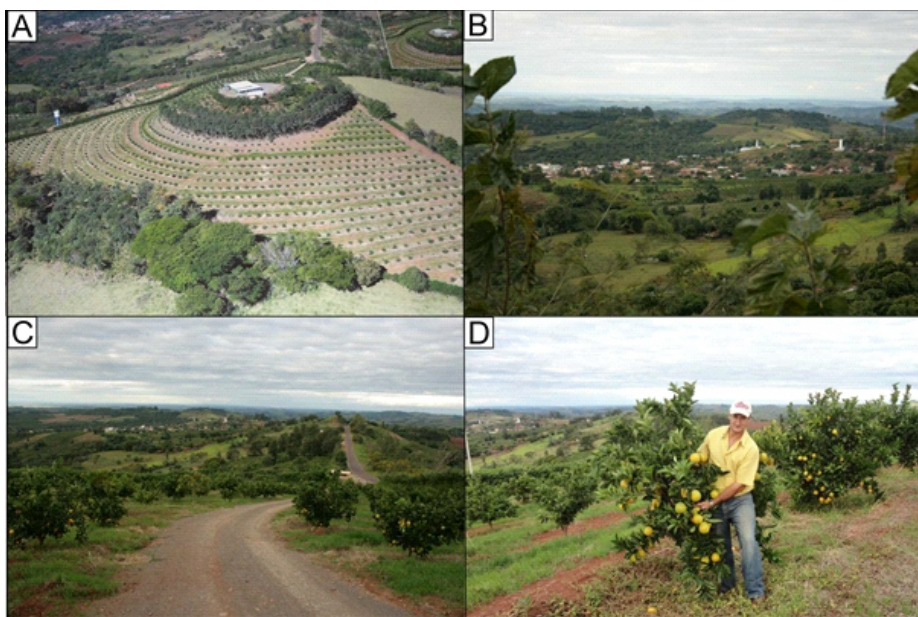


Figura 6: A – Propriedade agrícola localizada no alto do morro (Fotografia de Nair Glória Massoquim - 2012); B – Visão privilegiada da paisagem regional, a partir da propriedade agrícola (Fotografia de Ana Paula Colavite - 2012); C – Estrada que liga a PR549 ao alto do morro, no entorno o cultivo de laranja (Fotografia de Ana Paula Colavite - 2012); D – Demonstração da colheita diária de laranja (Fotografia de Nair Glória Massoquim - 2012).

Somado à diversificação das atividades econômicas desenvolvidas na propriedade de Gervásio Ernega e atividades fora da propriedade por familiares, a posição geográfica da chácara, a forma de organização, os cuidados despendidos com as atividades e o asseio com a estrutura demonstram o apego que o agricultor tem à paisagem de sua propriedade. A vista panorâmica proporcionada pela localização da propriedade no alto do morro (Figura 6) serve como cartão postal, constituindo um ponto a partir do qual pode ser observada a composição da paisagem, morfologia e dinâmica do uso da terra das propriedades agrícolas do entorno e no horizonte se visualiza parte do sítio urbano que compõe a cidade de Corumbataí do Sul. Segundo relatos do proprietário, em noites de céu limpo é possível enxergar as luzes de outras cidades.

Ao que se refere a esse tipo de organização, podemos dizer que está relacionada

com as características culturais das pessoas que residem em pequenas cidades do interior do país ou residem nas proximidades, e que preservam, nos hábitos e nos costumes a aptidão para cultivar a terra, mas, ao mesmo tempo já carregam raízes muito próximas ao cotidiano do urbano. Nesse caso, a atividade é desempenhada em ambiente urbano/rural, que, além de garantir a manutenção da família, ainda lhes permite desenvolver e desempenhar atividades econômicas que lhes deem deleite. Na verdade já há muitos agricultores, nesse município e nas cidades do entorno, seguindo essa tendência.

Fala-se na urbanização do campo por dois motivos em especial: primeiro porque foram incrementadas as ocupações não agrícolas no campo e, segundo, os meios de comunicação em massa (rádio, televisão, telefone, celulares e *internet*) chegaram até as regiões mais distantes. As migrações permitiram o estabelecimento de redes sociais e, a partir da reconstrução das comunidades camponesas nos lugares de migração, nasce o conceito de comunidade transnacional. Também falamos em ruralização da cidade porque as cidades latino-americanas, em razão da falta de desenvolvimento urbano, se parecem com “grandes fazendas” (GRAMMONT, 2005).

No perímetro urbano dos municípios de toda a Mesorregião Centro Ocidental Paranaense, na qual residem agricultores que ocupam suas moradias como dormitório, retornando todas as manhãs para a área rural, também residem tratoristas e ceifeiros, os quais não possuem vínculos diretos com a propriedade agrícola, mas que obtêm dessas seu sustento. Nesse contexto dizemos que a organização e (re)organização da paisagem ocorre especialmente por atividades agropecuárias e de ocupação, em que a exploração econômica da terra têm conduzido as áreas de matas nativas a profundas transformações, conforme as já observadas nas figuras anteriores.

Na pequena cidade também ocorre o que fora enfatizado por Veiga, ou seja, o pequeno centro urbano, transformado em cidade pelo Decreto-Lei vigente no país, deixa à mostra traços das condições precárias de infraestrutura e de saneamento básico. As ruas são, na sua maioria, ainda caminhos de terra sem pavimentação, como se pode ver na Figura 7 (A, B e C), especialmente as localizadas na região periférica da cidade, estando o asfalto restrito às ruas principais, como a Rua Caramuru, que é uma extensão da PR 549 (Figura 7D). Observa-se, em inúmeras localidades da cidade, a carência no planejamento urbano.

Segundo Oliveira³, as construções periféricas em sua maioria não têm nada a ver como o traçado da cidade, e sim com a própria extensão da área rural, pois muitas casas

³Entrevista concedida à autora N.M. em 2009. Diz: “As casas são construídas na periferia no próprio prolongamento dos sítios (agrícola), sem planejamento e no alto das colinas porque a terra é sua, e o setor público não pode opinar, não é de loteamento”.

foram construídas na zona rural, mas no limite do sítio urbano. Na Figura 8A observa-se a vista de um conjunto habitacional, presente em vários setores do município, localizado no limite da área urbana com a área rural e, após ele, casas esparsas em áreas de chácaras, localizadas na área periurbana da cidade de Corumbataí do Sul. Determinados lotes não apresentavam nenhuma estrutura de sustentação nem infraestrutura na pavimentação. Ademais, algumas moradias se localizam em áreas com grande suscetibilidade à ocorrência de deslizamentos, como é o caso da residência construída às margens de uma encosta em alto declive (Figura 8B).



Figura 7: A – Rua sem pavimentação do alto do morro da Santa (Fotografia de Ana Paula Colavite - 2011); B e C – Obras de saneamento no percurso da via principal (Fotografia de Ana Paula Colavite - 2012); D – Rua Caramuru, PR 549, via principal da cidade de Corumbataí do Sul pavimentada, porém com baixo dinamismo e condições precárias de conservação (Fotografia de Ana Paula Colavite - 2012).

Em outras áreas periféricas da cidade são altamente evidentes os aspectos do rural e o uso agropecuário da terra na área urbana. A partir do centro da cidade visualiza-se, a noroeste (área periférica), o predomínio das áreas de pastagem em detrimento das estruturas típicas do urbano. Ademais, é visualizada uma área de plantio de café (Figura 9A). No fundo de vale situa-se uma área de pastagem, localidade a partir da qual se observa a estrutura das moradias, entremeadas às áreas de bosques, de pomares e de

plantio (Figura 9B). Nessa mesma área é evidenciado o descaso com a preservação ambiental, na qual o córrego (Figura 9C) se encontra desprovido de vegetação ripária e acaba sendo utilizado como depósito de entulhos (restos de construções), despejados próximos ao filete de água.



Figura 8 - A - Conjunto habitacional instalado na interface urbano-rural de Corumbataí do Sul – PR (fotografia de Nair Glória Massoquim – 2011); B - Moradia localizada às margens de uma encosta e de alta susceptibilidade a deslizamentos de terra (fotografia de Ana Paula Colavite – 2011).

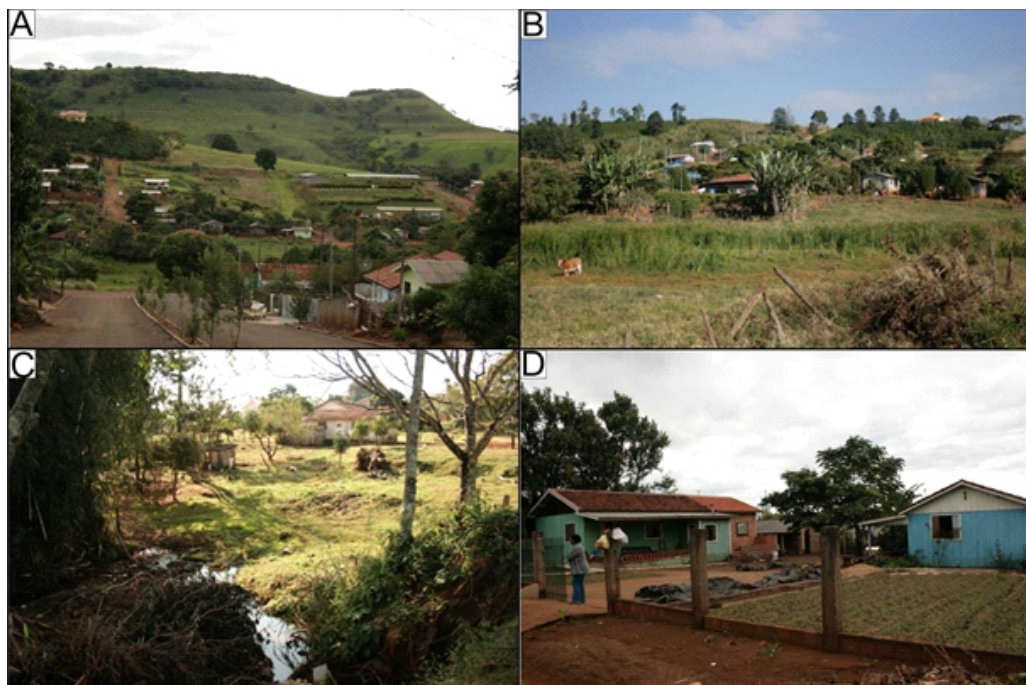


Figura 9: A – Cidade de Corumbataí do Sul na área periférica a paisagem rural (fotografia de Ana Paula Colavite – 2012); B e C – Área de pastagem no fundo de vale (fotografias de Ana Paula Colavite – 2012); D – Processo de secagem do café no quintal de uma casa na área urbana (fotografia de Ana Paula Colavite – 2012).

Outra observação que deve ser feita sobre o rural no urbano relaciona-se às atividades agrícolas que não se mantêm unicamente no campo, quando, no espaço de continuidade estabelecido, afazeres rurais são desenvolvidos na cidade. Exemplo dessa realidade está expresso na Figura 9D, em que se visualiza um terreiro de café no quintal de uma casa localizada na área periférica da cidade. Segundo relatos da proprietária, sua família atua na condição de meeiro em uma propriedade cafeicultora da área rural, sendo responsável pelos cuidados com a produção agrícola, manutenção do sítio, colheita e secagem do café (etapa realizada na área urbana, conforme demonstrado na fotografia). No caso, os lucros obtidos com a venda do produto são divididos entre o proprietário da terra e os trabalhadores que cuidam de todo o processo.

Na cidade de Corumbataí do Sul, a paisagem se caracteriza pelo baixo índice de urbanização, o que equivale a dizer, nas palavras de Veiga (2002, p. 38), por “[...] espaços em que os ecossistemas permanecem menos artificializados”, reflexo também do processo de continuidade estabelecido entre rural e urbano estabelecidos no local.

Nesse sentido, para a região pesquisada, observou-se, na paisagem do espaço urbano, que atividades tipicamente rurais ocorrem entremeadas com a paisagem urbana, com atividades terciárias, seguidas, em menor número, pelas secundárias provenientes do espaço rural, conforme observado nas fotos anteriores.

No caso do município em estudo, ao referenciar as atividades secundárias, essas são praticamente inexistentes e se restringem ao setor agroindustrial, sendo que, na maioria dos casos, os produtos agrícolas são processados fora do município e, ao que diz respeito ao setor terciário, o comércio sobrevive do resultado da produção do campo. Quanto aos profissionais liberais, mais da metade dos serviços urbanos são contemplados pelos setores do poder público (diretores, professores, serventes e vigias) das esferas municipal e estadual.

Ademais, não só a área de estudo apresenta carência da infraestrutura urbana mínima necessária para o bom desempenho do município, mas também outras cidades do entorno foram elevadas à categoria de municípios autônomos sem possuírem reais condições de constituírem uma política de planejamento e desenvolvimento urbano. A falta de projetos de desenvolvimento em ambos os setores faz com que o complexo urbano-rural tenha que caminhar junto em busca de políticas públicas.

A cidade ainda carrega fortes características de miscigenação entre urbano e rural, porém, com a contínua saída do homem do campo e sua instalação na área urbana, a tendência é que cada vez mais as habitações rurais permaneçam abandonadas e o espaço urbano ganhe cada vez mais características de cidade, o que implicará, paulatinamente, a diminuição dos espaços caracterizados como rurais-urbanos ou urbanos-rurais.

CONCLUSÃO

A discussão da relação do urbano-rural foi de fundamental importância para aprofundar os estudos da paisagem no município de Corumbataí do Sul, permitindo constatar, em parte, a relação que permeia as atividades vinculadas aos dois setores e como se encontram imbricadas na paisagem. Em entrevista com agricultores observou-se a necessidade de repensar a organização do espaço, discutindo-se mais sobre a sua origem, se é rural-urbano ou urbano-rural.

Ademais, a cidade surgiu como um povoado e consolidou-se com as atividades socioeconômicas agropecuárias de cunho e origem própria, sofreu migração interna ocasionada pela introdução de um sistema técnico-científico de modernização das atividades, condizente com a realidade do espaço geográfico e com o investimento de capital. Por um lado, em razão de fatores naturais e, por outro, a falta de investimento em políticas públicas por órgãos das três esferas do poder, a cidade e o campo se condicionaram a um desenvolvimento com os próprios recursos. Considerando a falta de ações, o município não teve possibilidade de crescimento econômico de mesma natureza que outras regiões do entorno. Esse déficit que se observa com relação ao desempenho das atividades urbano-rurais precisa ser corrigido por meio de planejamento e envolvimento de pesquisas que reivindiquem políticas públicas de melhoria tanto para um (urbano) quanto para o outro (rural) setor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M.G. de. Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, M. G. de; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. (Org.). **Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia, GO: Vieira, 2008. p. 47-74.

BERNARDELLI, M. L. F. da H. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. (Org.). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 33-52.

CORRÊA, R.L. A geografia cultural e o urbano. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 167-186.

ENDLICH, Â.M. Perspectiva sobre o urbano e rural. In: SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. (Org.). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 11-31.

GIRARDI, E.P. **O rural e o urbano: é possível uma tipologia?**. Presidente Prudente, 2008a. Disponível em: <http://www.uel.br/cce/geo/didatico/omar/modulo_b/a12.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2012.

GIRARDI, E.P. **Proposição teórico-metodológica de uma cartografia geográfica crítica e sua aplicação no desenvolvimento do atlas da questão agrária brasileira**. 349f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2008b.

GRAMMONT, H. C. de. El concepto de nueva ruralidade. In: PÉREZ, C. E.; FARAH, Q. M. A.; GRAMMONT, H. C. de (Org.). **La nueva ruralidad en América Latina: avances teóricos y evidencias empíricas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 23-43.

GRAZIANO DA SILVA, J. O novo rural brasileiro. In: **Revista Nova Economia**, Belo Horizonte, v.7, nº 1, p. 43-81, maio 1997.

IBGE. **Cidades: Corumbataí do Sul**. Disponível no site: <[IBGE. **Censo demográfico – 1990**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: fev. 2011.](http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=410655&search=||infogr%E1ficos:-hist%E3rico>.>>. Acesso em: 10 fev. 2013.</p></div><div data-bbox=)

IBGE. **Censo demográfico – 2000**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: fev. 2011.

IBGE. **Censo demográfico – 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: fev. 2011.

LINDNER, M. et al. Presença da ruralidade em municípios gaúchos: o exemplo de Silveira Martins, RS. In: Encontro Nacional de Geografia Agrária, 19, 2009. Rio Claro. **Anais...** Rio Claro: Unesp, 2009. p. 1-15. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Lindner_M.pdf>. Acesso em: jun. 2012.

LOCATEL, C.D.; HESPANHOL, Antônio Nivaldo. Desenvolvimento da agricultura e espaço rural. In: SILVEIRA, M. R.; LAMOSO, L. P.; MOURÃO, P. F. C. (Org.). **Questões nacionais e regionais do território brasileiro**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 117-132.

MASSOQUIM, N.G. Corumbataí do Sul: estudo da paisagem para fins de planejamento agrícola. In: Congresso de Estudos Rurais. Mundos Rurais em Portugal – Múltiplos Olhares e Múltiplos Futuros, 04, 2010. **Anais...**, Aveiro-Portugal: 2010. p. 1103 a 1117.

REIS, D. S. dos. O rural e urbano no Brasil. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 15, 2006. Caxambú. **Anais...** Caxambú: ABEP, 2006. p.1-13.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1997.

VEIGA, J.E. da. **Cidades imaginárias**. O Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

WANDERLEY, M. de N.B. A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACCA, N. (Compiladora). **¿Una nueva ruralidad en América Latina?**. Buenos Aires: CLACSO, 2001. Disponível em: [http:// biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20100929125458/giarraca.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20100929125458/giarraca.pdf). Acesso em: jun. 2012.